

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

DANDARA BARCELLOS DRESCH

**SER MULHER PRETA É “SEGURAR NO OSSO DO PEITO”:
as dimensões de sua solidão e Dororidade**

PORTO ALEGRE

2022

DANDARA BARCELLOS DRESCH

SER MULHER PRETA É “SEGURAR NO OSSO DO PEITO”:
as dimensões de sua solidão e Dororidade

Monografia apresentada à Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito para a obtenção do título de
bacharela em Ciências Sociais
Orientadora: Ceres Victora

PORTO ALEGRE

2022

AGRADECIMENTO

Agradeço a Ceres Victora, por ter me orientado com muita paciência e dedicação. Obrigada por acreditar no trabalho que eu me propus a fazer, mesmo sendo na correria.

Agradeço ao Cauê Machado pela atenção extra e todo o incentivo e auxílio que me deu, não só nessa etapa final mas ao longo do curso e inclusive fora dele.

Agradeço as minhas cinco colaboradoras - Antonieta, Ciata, Laudelina, Ruth e Tereza - que se dispuseram a compartilhar suas histórias comigo, que me ajudaram a construir esse trabalho, que me trataram com tanto cuidado e ofereceram a sua escuta, mesmo quando era eu que estava as entrevistando. Obrigada por suas falas e perspectivas.

Agradeço a minha banca, que mesmo sendo um pouco de última hora, aceitaram estar presentes e escutar o que eu tenho a dizer. Obrigada Luciana de Mello e Cauê Machado.

Agradeço a aqueles que me deram colo e um ouvido para reclamar quando eu mesma não achava que era capaz.

Agradeço aos meus amigos Carlos Fabris, Felipe Machado, Henry Almeida e Sérgio Leon; que mesmo eu sendo braba e insensível às vezes, vocês nunca me viraram as costas ou quiseram que eu fosse algo que não sou.

Agradeço a minha irmã Lawanda Luna, que mesmo com seu jeito não tão cuidadoso de ser, me ensinou que carinho e cuidado, pode ser dado de tantas formas e tantos jeitos e que a distância é algo que significa quase nada.

Agradeço às minhas tias de criação, Tia Inês e Tia Cira, que me ensinaram que família a gente escolhe e sempre que precisei, me escutaram e apoiaram sem pestanejar.

Agradeço às duas senhoras pretas da minha família, minha avó Eloá e minha tia-avó Ieda, por, mesmo sem saberem, significarem tanto, elas são a história contada, o samba no pé, o churrasco de domingo, a paciência, o espírito livre e a ancestralidade.

Agradeço ao meu pai coruja, Nelton Luis Dresch, que é durão por fora, mas chorão por dentro que nem eu, obrigada por tanto papis, pelo apoio, pelos bolos de chocolate, por me ouvir e por me ensinar tanta coisa.

Agradeço ao Heitor Jardim, que é tão diferente mas ao mesmo tempo tão igual a mim; e é capaz da gente se alfinetar às vezes por esses mesmos motivos. Obrigada por ser vulnerável comigo e me permitir ser contigo e obrigada ao nosso senso de humor impecável.

Agradeço à Joana Costa por ser tão escandalosa quanto eu, por compartilhar tanto comigo e ter um jeito de cuidar das pessoas que é só teu, um serzinho tão pequeno que faz tanta diferença na minha vida.

Agradeço a Sara Severo por ter sido uma surpresa tão bem vinda na minha vida, por ter sido parceira em tudo que eu quis fazer, por me permitir estar do teu lado e te conhecer, obrigada por amar as pessoas do teu jeitinho e por me ensinar a ser mais livre e desapegada.

Agradeço a Elise Teixeira, por ter crescido comigo, e mesmo a gente sendo tão opostas em alguns aspectos, conseguimos conversar e abraçar uma a outra. Obrigada por me conhecer tão bem e fazer eu passar vergonha com as nossas brincadeiras de infância. Obrigada pelo beijo na testa.

Por fim, agradeço minha mãe, Janete Teresinha da Silva Barcellos, um ser de luz, que me ensinou a ser leve, a dançar, a brincar, a me amar e amar quem eu quiser, minha mamis, minha base, meu espelho. Obrigada por tanto, pela conexão de alma, por cuidar de mim e me ensinar a cuidar de mim mesma, por significar tanto para tanta gente, por fazer com que eu deseje ser uma mulher tão incrível quando você é, pelo amor incondicional, enfim, apenas obrigada. E obrigada Cintia, por tornar a vida dela mais leve e estar ali para dar colo e apoiar quando ela precisa.

RESUMO

Este trabalho versa sobre os temas da solidão da mulher preta e Dororidade. Para auxiliar nesta discussão, o trabalho baseia-se em obras de duas autoras principais sobre estes temas; bem como em reflexões de cinco mulheres pretas, que foram entrevistadas nos primeiros meses de 2022. Através desse material, foi possível perceber como as mulheres nomeiam sua solidão e como esta se manifesta nos espaços em que vivem. A partir dos dados e observações é possível compreender que a ideia da solidão da mulher preta encontra-se intimamente ligada à Dororidade; isto é, também marcada pelos mecanismos de racismo e sexismo que seus corpos estão submetidos.

Palavras-chave: Solidão, mulher preta, Dororidade.

ABSTRACT

This work talks about the subjects of black woman's solitude and *Dororidade*. To assist in this discussion, this essay is based on works by two main authors on these themes; as well as thoughts of five black women, who were interviewed in the first months of 2022. Throughout the development of this work, it's possible to visualize how these women name their feelings of solitude and how it manifests itself in the spaces they live. The data and observations made it possible to comprehend that the idea of black woman's solitude is intimately related to the idea of *Dororidade*; that is, it's also imprinted with the mechanisms of racism and sexism that their bodies are subjected to.

Keywords: solitude, black woman, *Dororidade*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. Uma fabulação para iniciar	7
1.2. Motivações e objetivos	11
1.3. Metodologia	14
2. A PECULIARIDADE DA SOLIDÃO DA MULHER PRETA	18
2.1. Dororidade	21
3. “SEGURAR NO OSSO DO PEITO”	24
3.1. “A nossa presença é diferente nos espaços”	25
3.2. “Eu só tenho uma opção, que é ser forte”	26
3.3. “Lutar diariamente contra o que dizem pra gente “que a gente não vai, não pode”, não véi, a gente vai e vai chegar com os dois pés na porta!”	28
3.4. “Se eu te falar tudo que eu já passei, com relação a racismo, gurria daria um livro!”	29
3.5. Afinal, mulher preta nasce pra quê?	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
4.1. “Magia, acho que ser mulher preta é uma coisa mágica”	33
5. REFERÊNCIAS	38
6. APÊNDICE A - GUIA DA ENTREVISTA	40

1. INTRODUÇÃO

1.1. Uma fabulação para iniciar

Em uma quinta-feira do mês de setembro, Eloá da Silva aos seus 55 anos de idade, se dirige a sua primeira sessão de psicoterapia. Em um primeiro momento se sente nervosa, por não saber o que esperar; com medo, pois sabe tudo que já passou na vida e não gostaria de reviver o passado; ansiosa para saber de que forma isso pode ajudá-la, feliz, porque sabe que por essas duas horas, terá alguém que irá lhe escutar verdadeiramente e sem julgamentos e segura, pois a sua terapeuta é uma mulher e preta.

Chegando lá, Maria, sua terapeuta, pede para que sente e lhe comenta que fará algumas perguntas antes de começar a explicar como funciona seu trabalho. Eloá, concorda e aguarda.

- Você já fez algum tipo de terapia?
- Não.
- Porque?
- Acho que sempre tive receio do que eu poderia escutar e de me abrir para alguém desconhecido.
- O que incentivou você a procurar agora uma terapia?
- Bom, hoje em dia eu já estou quase aposentada, minhas filhas já são mais velhas e sempre tive essa necessidade de conversar sobre a minha vida, mas nunca consegui fazer isso de uma forma completamente honesta com minhas amigas.
- Ok. Então, vou propor a você que comecemos com uma contação de histórias sobre a sua própria vida, cada sessão você conta para mim, um pouquinho de você, claro que se tiver algum assunto que queira tratar com mais urgência, daremos atenção para isso também, tudo bem?
- Por mim, sim.
- Ok, então pode começar por onde se sentir mais confortável.

E assim Eloá, iniciou a contação da sua própria história. Nascida na periferia de Porto Alegre, onde morou até sair da faculdade, tinha um irmão mais velho e uma irmã mais nova, sua mãe era solteira e morava na mesma casinha que sempre

morou. Ela foi a primeira de sua família a entrar para a faculdade, se formou em história e dava aula em uma escola; tinha duas filhas, uma de 25 anos e outra de 27, apenas a mais nova ainda morava com ela.

Maria pede então que ela entre agora em mais detalhes sobre sua vida e do que mais ela sentisse necessidade de compartilhar. Eloá então, respira fundo e comenta que na realidade ela não sabia muito bem o que a fazia se sentir incompleta e só, mas que iria tentar explicar.

- Então, eu sou uma mulher adulta e independente, venho de uma família onde a minha mãe sempre trabalhou, cuidou de mim e dos meus irmãos, fazia comida todos os dias para nós e ainda nos incentivava a estudar. Esse foi o ambiente em que fui criada e foi esse exemplo que eu segui, sempre achei que minha mãe trabalhava demais e fazia muitas coisas, mas quando tive as minhas filhas, percebi que acabei fazendo a mesma coisa. Nunca casei com o pai das minhas filhas, moramos juntos por um tempo, mas depois não deu mais certo, não tive nenhum relacionamento mais sério desde então. Gosto muito do meu trabalho, dos meus alunos, mas não me identifico muito com meus colegas, mas isso é algo que eu tenho dificuldade também. Mas enfim, essa é a minha vida, sempre dei conta de tudo sozinha e gostaria agora de tentar cuidar um pouco de mim e me entender também.
- O que é a primeira coisa que você gostaria de entender?
- Bom, primeiro eu gostaria de saber porque meus relacionamentos não funcionam!

Falando isso, Eloá ri e tenta explicar, falando que ao longo de sua vida, se relacionou com muitas pessoas, umas duraram mais outras menos, como é normal para todo mundo, mas ela mesma percebia um padrão nisso, que não conseguia entender completamente o porquê. Para ela, sempre foi normal tomar conta de tudo e estar mais sozinha do que acompanhada, mas em um relacionamento entendia que não podia ser assim, porém era o que acabava acontecendo e então terminavam. Nunca conseguiu falar sobre o porquê não se importava em ficar tanto tempo sozinha, quando tinha alguém para lhe fazer companhia, nem ela entendia direito. Sempre se relacionou com pessoas brancas e mesmo quando o término já havia passado por bastante tempo, de alguma forma ao ver seus exs com namoradas brancas, aquilo a afetava severamente, dando um sentimento de

insuficiência, feiura, insegurança e humilhação; mesmo sabendo que não fazia sentido, era algo automático.

- Eloá, para terminarmos a sessão de hoje, gostaria que você me explicasse o que é esse sentimento de humilhação.
- Ok, vou usar dois exemplos próprios, que na realidade a situação em si aconteceu mais de uma vez, mas agora vou falar só de dois momentos. Um deles foi quando eu era pequena e estava na casa de uma amiga, ela era mais velha que eu, magra e branca, lembro que no prédio onde morava tinha vários meninos que ficavam nos chamando para descer. Nesse dia, eles foram para a janela e chamaram ela, quando fomos para a janela, primeiro eu não apareci e então ela me puxou e assim que botei meu rosto na janela, me chamaram de feia, naquele momento eu me abaixei e comecei a chorar, ela quis xingar eles, mas pedi para não falar nada. Outra situação foi quando uma amiga minha, que também era branca, insistiu para que eu fosse acompanhar ela em uma festa, eu já era mais velha nessa época. Lembro que não queria ir sozinha, pois sabia que ela queria ir por causa de um menino que estaria lá, mas fui, nunca me senti tão deslocada, ficamos a festa inteira em função do menino e fiquei de lado, enquanto ela estava com ele, amigos dele passavam por mim e brincavam comigo por causa da situação. Não consigo lembrar como fomos embora.
- Como você acha que afeta a sua vida essas situações passadas?
- Olha, sei que isso me impediu de me arriscar mais, de investir nas pessoas e que me fez criar uma vergonha de tudo, mas isso eu não demonstro muito.
- Entendi, então eu vou propor um exercício para você, para a próxima sessão, gostaria que pegasse esses sentimentos que lhe causem esse desconforto e traga situações passadas para me contar, como fizemos agora, acho que assim conseguiremos chegar às suas respostas ou a mais perguntas, combinado?
- Combinado.

Eloá então, vai embora, entra no ônibus, se senta e começa a pensar sobre as palavras e situações para a próxima sessão, pega seu celular e anota: mãe solteira, insegurança, racismo, família, beleza, padrão, relacionamento, vergonha, ser forte e violência. A cada anotação, ela automaticamente lembra das situações

que passou, pensando que na época não conseguia nomeá-las dessa forma e que hoje consegue, não todas, mas algumas; ao mesmo tempo em que percebe como cada lembrança se relaciona com a outra.

E assim ela vai lembrando de sua própria história, de quando ia em festas com suas amigas na juventude e sentia a necessidade de ir ao banheiro a todo momento para ver se seu cabelo cacheado não estava muito volumoso. Lembrou do desconforto que sentia quando escutava as pessoas brancas ao seu redor comentarem sobre sua vida amorosa e sexual, quando ela nem ao menos sabia o que era ser alguém desejável e quando tudo isso a transformou em uma mulher insegura e tímida. Pensou também, que sentia uma simpatia pela sua mãe, que ia além da sua conexão maternal e sim um entendimento do que era ser uma mulher preta, que mesmo com todo o apoio não conseguia não se sentir só na grande parte do tempo.

Eloá riu ao pensar que como o “ser forte”, a prejudicou, pois não aprendeu a pedir ajuda, a entender que não pode e nem deve dar conta de tudo, que ser uma mulher preta, não precisa significar sofrimento, solidão e dor; percebendo o quanto que ela já perdeu de si, por demorar a entender isso.

Pensativa ela olha para a janela do ônibus e vê um outdoor que involuntariamente a conforta, nele aparece uma propaganda da Nike, com a Serena Williams, uma mulher preta, mãe, atleta e que não tem um corpo e nem uma beleza padrão. Confortada, sorri e senti um orgulho dessa mulher, porque de alguma forma, mesmo sem conhecê-la, a entendia e via na sua figura não só ela mesma, mas as mulheres pretas de sua própria família, sabendo que as histórias nunca são iguais, mas a vivência de uma mulher preta, só pode ser entendida por uma igual.

O ônibus chega na sua parada e Eloá desce, ao andar na rua olha para o lado e vê uma moça que estava para subir no ônibus com umas caixas e recebe ajuda de um homem, e pensa “quando foi a última vez que recebi ajuda na rua?”, ao não se recordar, continua a sua caminhada. Chegando em casa, percebe uma coisa, a moça era branca.

1.2. Motivações e objetivos

A fabulação acima foi criada por mim, com o intuito de expressar minhas motivações na escolha deste tema para a realização deste Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Três pontos me guiaram à escrita dessa fabulação: as vivências na minha própria família materna; pensar em uma forma de mostrar às leitoras e aos leitores o que seria a solidão de uma mulher preta e porque esse tipo de solidão merece um estudo específico no âmbito das Ciências Sociais; pensar como essa solidão é expressada por mulheres pretas e de que forma elas lidam com a mesma.

Caso tenha passado despercebido, o nome Eloá -da protagonista- na minha fabulação é o mesmo de minha avó, pois meu desejo de estudar esses temas veio dos ensinamentos que me foram passados por ela e outras mulheres pretas, além de minhas próprias vivências. Minha avó, quando viva, sempre foi a conexão com a minha ancestralidade preta, quando contava a história da nossa família, quando fazia as receitas mais gostosas na sua cozinha ou quando me benzia, por exemplo, para dor-de-barriga ou dor-de-cabeça. Por uns dez anos, minha avó desfilou na ala das baianas da Escola de Samba Império da Zona Norte no carnaval portoalegrense e adorava deixar eu e minha irmã ficarmos horas olhando o seu arsenal de fantasias.

Enfim, essa era minha avó. Muitos dos seus ensinamentos foram passados para minha mãe e para minha tia-avó que ainda os preserva. Mas muito também se perdeu. Portanto, por tudo que ela significou para mim e para toda minha família, escolhi seu nome para minha protagonista.

Mas, reconheço que a vó Eloá não era feita apenas de histórias bonitas, receitas gostosas, carnaval e fantasias. Ela também expressava dor e abandono, carregando marcas de tantas situações em sua vida que parecia ter usufruído de pouco espaço e tempo para ser o que queria(desfilar no Carnaval, por exemplo), sendo forçada a ser outras Eloás, como por exemplo, cozinheira “em casa de família”! E, assim como ela registrava as memórias familiares em seu “caderninho de caligrafia”, eu registro o seu nome neste Trabalho de Conclusão de Curso.

De minha parte, lembro que há tempos conseguia enxergar diversos silenciamentos acompanhados de certo sentimento de solidão de mulheres pretas em todos os lugares, próximos e longe de mim, comigo ou com pessoas próximas a mim ou até com alguém desconhecido e sempre quis entender o que representavam e por que me tocavam. Entretanto, tinha um pouco de dificuldade em expressar com palavras o por quê queria tanto estudar e compreender tais silenciamentos e solidão. Ao me deparar com o livro *Dororidade*, de Vilma Piedade (2017), consegui encontrar um conceito que contemplasse não só diversas vivências minhas como mulher preta, mas também trouxesse um aporte científico para a realização de um trabalho acadêmico. Esse rico conceito, fala sobre a dor que o racismo causou e como ela é tão comum entre nós, mulheres pretas. Cada uma de nós, conhecida ou não, por mais diferente que seja, se reconhece na dor.

Este trabalho é composto por dois capítulos, além desta introdução e das considerações finais, nos quais apresento e desenvolvo os fundamentos que me orientaram na construção da fabulação inicial. Na introdução apresento a fabulação, meus objetivos e a metodologia do trabalho.

No Capítulo Um realizo uma revisão do referencial teórico onde apresento os dois principais conceitos explorados: a Solidão da Mulher Preta e a Dororidade. O pensamento de Ana Claudia Lemos Pacheco (2013) me orientou na compreensão do conceito de Solidão da Mulher Preta. O pensamento de Vilma Piedade(2017), como já mencionado, me orientou na compreensão do conceito de Dororidade. É importante situar que ambos estão atravessados, também, por temas¹ como o Racismo Estrutural (GONZALEZ, 1984) e o Feminismo Negro (CARNEIRO,2011).

Portanto, de acordo com Gonzales (1984), o Racismo Estrutural é uma *neurose cultural brasileira*. O racismo latino-americano se transformou em um sistema sofisticado, que mantém as hierarquias e estruturas sociais estabelecidas desde o processo de escravização, ou seja, subordinação dos pretos e indígenas, através da sua ideologia do branqueamento. Desse modo, cria-se um mito da superioridade branca que, por sua vez, quebra com as tentativas de identidade e valorização racial e como consequência, ocorre uma negação da sua própria raça e

¹ Embora eu reconheça que o Racismo Estrutural e o Feminismo Negro são de extrema importância e centrais para o entendimento tanto da trajetória da mulher preta quanto para os meus dois conceitos principais, Solidão da Mulher Preta e Dororidade; neste presente estudo inicial, irei apenas situa-los, para não deixar passar despercebido esses dois marcadores sociais.

cultura e uma internalização de que é necessário “limpar” a raça. (GONZALES, 1988)

Por sua vez, o Feminismo Negro conceituado por Carneiro (2011), diz que ele se formou a partir de uma necessidade de alcançar as reivindicações das mulheres pretas e na compreensão de que esse feminismo estaria não só lidando com a desigualdade de gênero, mas também com o impacto do racismo na hierarquia da nossa sociedade. Hierarquia essa que ocorre, nesse caso, não só entre homens e mulheres, mas também entre mulheres brancas e mulheres pretas. (CARNEIRO, 2011)

No Capítulo Dois apresento as narrativas de cinco mulheres pretas, que foram coletadas nas entrevistas semiestruturadas realizadas por mim. Analiso as entrevistas demonstrando a complexidade que é a Solidão da Mulher Preta, o dano que o mito da mulher preta forte e “chefe” de família causou nas percepções de si mesmas e na dos outros sobre elas, a sua Dororidade e vivências marcadas pelo racismo estrutural. Durante essas entrevistas criei um espaço em que essas mulheres foram ouvidas e suas dores e compartilhadas. A partir dessas narrativas seleciono quatro aspectos que ampliam a noção de solidão, para além de apenas laços afetivos/sexuais. São eles: a diferença que os nossos corpos são vistos nos espaços; a falta de não ter uma alternativa além de ser forte; a nossa vida que é marcada por uma luta diária e resistência e as incansáveis provações que são forçadas a passar e superar causadas pelo constante racismo.

Portanto, este TCC pretende apresentar um olhar para o que está sendo referido por autoras negras, eu entre e minhas colaboradoras entre elas, como “solidão da mulher preta”, enquanto um problema sócio-antropológico. Um problema que se constrói inicialmente a partir de dados demográficos de mulheres pretas estarem mais sozinhas, além de dados que apontam o elevado número de mulheres pretas chefe-de-família e que levam uma representação de “mulher preta forte”. Por fim, com as reflexões de mulheres pretas sobre algumas dessas questões, apresento o impacto dessas noções em suas vidas.

1.3. Metodologia

O processo de entrevistar alguém para um trabalho científico é muito peculiar e, em certo sentido, delicado, porque nós estamos diante de pessoas e suas vivências, de modo que falarem a respeito pode funcionar como “gatilhos”, tanto para trazer à tona memórias felizes, mas também memórias doloridas de traumas vivenciados. Logo, é significativamente importante certa postura respeitosamente ética e acolhedora da entrevistadora como parte do procedimento metodológico de criar um ambiente seguro para as entrevistadas, demonstrando -lhes compaixão, envolvimento e interesse verdadeiros na busca de transformar a entrevista em uma experiência benéfica para todas.

O modelo escolhido para este TCC foi de entrevistas semiestruturadas centralizadas no problema (FLICK,2004), levantando os temas principais, que como já referido, são a solidão da mulher preta e a Dororidade. Com este modelo no pano de fundo, procurei priorizar as narrativas (GIBBS,2009), das mulheres entrevistadas, que tendo como base um guia de entrevista montado por mim que se encontra no APÊNDICE A deste TCC, foram incentivando-as a compartilhar comigo suas histórias.

Uma entrevista semiestruturada tem como objetivo acessar os pontos de vistas de seus entrevistados através de um conjunto de perguntas relativamente abertas e que possibilitem respostas qualitativas. (FLICK,2004) Como explicado por Flick (2004), existem mais de um tipo de entrevista semiestruturada, como a entrevista focal, ideal para pesquisas relacionadas à mídia, ou a semipadronizada, em que se faz necessário que seus entrevistados tenham um amparo metodológico prévio e um conhecimento aprofundado sobre o tema, entre outras. (FLICK,2004) Mas nesse caso, o método mais pertinente foi o da entrevista semiestruturada centralizada no problema.

Esse tipo de entrevista, tem três critérios centrais:

centralização no problema, ou seja, a “orientação do pesquisador para um problema social relevante”(1985,p.230); *orientação do objeto*, isto é, que os métodos sejam desenvolvidos ou modificados com respeito a um objeto de pesquisa; e, finalmente, *orientação do processo* no processo de pesquisa e na compreensão do objeto de pesquisa. (FLICK,2004,p.100)

Portanto, esse estilo de entrevista, requer estabelecer previamente acordos com minhas entrevistadas, tais como: se a entrevista será gravada e se a mesma concorda com isso; qual a finalidade e quem irá ter acesso ao material da pesquisa; e como o material será divulgado após a sua conclusão. Além disso, a pessoa entrevistada deve receber uma explicação sobre os temas que serão abordados ao longo da entrevista. (FLICK,2004)

No caso da presente pesquisa, havia especial interesse em preservar a narrativa das entrevistadas, ou seja, as suas formas de contar uma história, mas sem perder de vista que quando se conta uma história, ela passa pelo nosso filtro, ou seja, pela nossa interpretação dos fatos, eventos e pela nossa compreensão deles. (GIBBS,2009) Na interpretação de Gibbs, ele diz que uma das formas de utilizar as narrativas dessas entrevistas, é obter dados e referências que sustentem e enriqueçam o que está sendo compartilhado pelos nossos entrevistados. (GIBBS,2009) De acordo com o autor:

A análise de narrativas e biografias acrescenta uma nova dimensão à pesquisa qualitativa, concentrando-se não apenas no que as pessoas disseram e em coisas e eventos que descreveram, mas na forma como o fizeram, por que o disseram e o que sentiram e vivenciaram. Sendo assim, as narrativas possibilitam compartilhar o sentido que a experiência tem para os entrevistados e lhes dar uma voz para que possamos vir a entender de que forma estes encaram a vida. (GIBBS,2009, p.95)

Ao fazer minhas transcrições e escrita sobre as entrevistas, me inspirei de certa forma nas escrevivências de Conceição Evaristo. Conforme a autora, uma escrevivência, está marcada por um registro de histórias que são formadas por três elementos: *o corpo*, uma dimensão subjetiva do existir preto, marcado pela resistência e arquivamento de impressões; *a condição*, marcada por um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as histórias narradas; e por último, *a experiência*, um recurso estético e de construção retórica que tem como papel dar não só credibilidade, mas também uma persuasão a narrativa. A escrevivência se constrói a partir da biografia e das memórias, é uma “escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”. (OLIVEIRA,2009, p.622) Contudo, a nossa memória não é 100% fiel aos fatos, a memória falha, é esquecida e a partir disso surge a necessidade da invenção dos fatos. Nesse sentido, escrevivências são

histórias inventadas que surgem a partir do acontecimento e da narração dele, ou seja, as histórias são *ficções da memória*. (EVARISTO,2017)

Meu propósito, nesse sentido, foi ouvir e registrar histórias que tiveram, com perguntas guias que permitissem sustentar os temas que discuto neste trabalho. Mas creio ter tomado todos os cuidados para que as perguntas não limitassem a liberdade delas de expressarem suas histórias e opiniões. Como fiz na fabulação, achei que a melhor forma de abordar as questões das entrevistas, foi pensar em perguntas que fizessem sentido, não só para este trabalho, mas também para as minhas colaboradoras, ou seja, perguntas que, supostamente, seriam significativas na vivência de uma mulher preta.

Para o presente trabalho, realizei cinco entrevistas com mulheres que se autodeclararam pretas, nos meses de março e abril de 2022. Cada entrevista durou cerca de noventa minutos. Dadas as limitações colocadas pela pandemia de Covid-19, quatro das cinco entrevistadas foram feitas remotamente através da plataforma Zoom. Todas foram feitas com o consentimento verbal para que a entrevista pudesse ser gravada.

Ana Cláudia Lemos Pacheco, em cujo livro: “Mulher negra: afetividade e solidão” ela apresenta uma matéria da Revista Veja publicada em 2005, que usou o censo de 2000 e o Centro de Políticas Sociais Getúlio Vargas (FGV), para destacar que depois dos 30 anos, as mulheres sentem mais solidão e estão mais sozinhas, em comparação com os homens. O texto da autora salienta ainda que o estado da Bahia apresenta o maior índice de mulheres sozinhas, ou seja, sem parceiros fixos, levando em consideração também que Salvador tem uma população composta por 80% de pessoas pretas e pardas (PACHECO, 2013). A partir dessa reflexão que a autora levanta e considerando que uma das dimensões da solidão tratadas aqui é o de “estar só”, optei por ir atrás de mulheres pretas que estivessem na faixa etária de 30-45 anos, mas também levando em consideração que elas talvez não fizessem parte desse grupo que o censo da reportagem está falando.

O meu universo de pesquisa, pelo fato de ser um trabalho inicial, foi também entrar em contato com mulheres pretas que tivessem acesso a esses temas, talvez não com o mesmo entendimento dos mesmos, mas que pudessem refletir juntamente comigo o problema de pesquisa que estou construindo neste trabalho, algo que foi possível de ser feito.

2. A PECULIARIDADE DA SOLIDÃO DA MULHER PRETA

O conceito de solidão não é novidade nas rodas de conversa e na própria experiência de vida das mulheres pretas. Ele também é um assunto comum entre diversas áreas de estudo, como a racismo estrutural, antropologia das emoções, saúde mental, feminismo negro, entre outras. Para o presente trabalho utilizarei, como já referido anteriormente, o pensamento de Ana Cláudia Lemos Pacheco, como base principal para trazer um pouco de como a solidão vem sendo abordada ao longo da nossa história e também a sua própria perspectiva sobre o conceito.

De acordo com a filosofia clássica, a solidão é um sentimento que desenvolvemos ao tentar procurar explicações sobre o mundo e sobre o nosso lugar nele, ou seja, estamos à procura do sentido da nossa existência. Segundo Pacheco:

O conceito de solidão, segundo este autor, ganha vários sentidos: primeiro, pode se referir a desilusões amorosas, amor mal-correspondido, impedindo que o outro tenha uma nova experiência amorosa, ficando-se só; no segundo sentido, quando não se encontra uma pessoa do mesmo lugar ou da mesma posição social para compartilhar uma convivência coletiva; e terceiro, pode referir-se a pessoas que, por alguma razão, são deixadas sós, isto é, “podem viver entre as outras, mas não têm significado afetivo para elas”. (ELIAS, 2001, p. 76 apud, PACHECO, 2013 p. 33-34)

Porém, o “estar só”, não necessariamente significa que uma pessoa está sozinha no mundo, mas, seja por opção ou não, é um dos status que causa a solidão; no entanto, acredito que o ponto chave aqui é pensarmos em quem tem o privilégio dessa escolha e quem não tem. Pacheco então, com base nos estudos de Sennett (1988), diz que na análise da relação entre sexualidade e solidão dos séculos XVIII e XIX, consegue identificar três tipos de solidão: uma solidão imposta pelo poder, a daqueles que se rebelam contra o poder e a que se forma na linha tênue entre estar só e sentir-se só. A partir dessa análise, o questionamento criado é de como esses indivíduos estão sós e como que esse status influencia na sua subjetividade e sexualidade. (PACHECO, 2013)

A não preferência afetiva também é um tema frequente nas rodas de conversa com mulheres pretas, bem como o preterimento de suas emoções e a sexualização de seus corpos é um assunto em comum entre elas. Segundo a autora, para que consigamos entender que essas situações são práticas culturais e históricas, não podemos desassociar os fatores raciais e de gênero que regulam a

sociedade brasileira e influenciam na forma como os indivíduos enxergam nossos corpos pretos, especificamente aqui, das mulheres pretas. Pois, são os nossos corpos que recebem as práticas discriminatórias, que as internalizam ao ponto de gerar um processos de auto rejeição e rejeição do “outro”. A racialização que nos é sistematicamente ensinada e imposta, opera de uma forma em que as nossas escolhas são atravessadas, marcadas e estruturadas por esses processos discriminatórios, ou seja, racismo, sexismo e machismo. (PACHECO, 2013)

A problemática do corpo é também abordada por Laura Lopez (2015), que escreve, entre outras coisas, corpos coloniais em diáspora e o racismo. A autora destaca que:

Além de captar o corpo como uma realidade social, fruto de uma construção histórica e de representações culturais, Fassin (2003) propõe abordar a relação entre corpo e poder a partir de focar os usos políticos do corpo por sujeitos destituídos de direitos e muitas vezes da sua própria “humanidade”. Torna-se relevante entender não só a incorporação das desigualdades sociais, mas também a incorporação da história. Isto é, a inscrição do passado nos corpos, em uma dupla dimensão: objetiva e subjetiva. De um lado, trata-se da incorporação das estruturas sociais com continuidade no tempo (tais como o racismo, a pobreza, a violência). De outro, é a incorporação da memória dos sofrimentos, das desconfianças do passado. A vida e o corpo são também constituídos pelas memórias e as narrativas, elas inscrevem o sentido do que é vivido simultaneamente nos corpos e nas palavras (FASSIN, 2012). (LÓPEZ, 2015 p. 306)

Os corpos carregam memórias ancestrais, no caso do nosso povo preto, essa herança não é só do seu lugar de origem, a África, é também do processo de escravização. Se considerarmos que as emoções são socialmente construídas, cabe perguntar: que emoções foram construídas pela população preta diante desse processo de construção civilizatória que passamos e ainda perdura?

O que foi ensinado, incentivado e forçado para a população preta, foi que éramos inferiores, que os corpos de nossas mulheres estavam ali para serem usufruídos como achassem melhor, que os nossos corpos estavam a serviço e que tínhamos capacidades intelectuais² limitadas. A representação de que as mulheres pretas não serviam para casar e que eram mais fortes e resistentes do que as mulheres brancas, teve implicações importantes nas dinâmicas das suas vidas, por

² “hooks em seu texto *intelectuais negras* (1995), acentua as condições históricas nas quais os sistemas de dominação, como raça, gênero e classe, interferem no imaginário coletivo, negando às negras capacidade para desenvolverem m trabalho intelectual, mental, pois o que se esperaria destas na representação coletiva é de negra que pode “servir” aos outros, como fruto do pensamento da escravidão que se sobrepujou ao corpo naturalizado.” (PACHECO, 2013, p.163)

exemplo, na naturalização da sobrecarga de trabalho que envolve ao mesmo tempo o cuidado de seus filhos sozinhas e a realização de todas as outras tarefas do dia a dia (trabalho doméstico, trabalho na rua, etc). Isso me motiva a perguntar: E quem cuida das mulheres pretas?

Em outras palavras, para identificarmos e entendermos o porquê a solidão da mulher preta ser peculiar, precisamos olhar como a realidade dessa mulher foi construída até hoje, ou seja, as relações sociais das quais participam e os códigos culturais que foram transmitidos ao longo do tempo sobre o que a figura da mulher preta representa na sociedade. Nesse caso, estamos falando de uma trajetória marcada pelo preterimento, racismo estrutural, sexismo, abuso e sexualização de seus corpos, violência e o mito de que mulher preta é forte, quando na realidade ela não teve outra alternativa a não ser isso.

Todas essas questões desencadearam uma solidão que vai além do relacionamento sexual afetivo, pois envolve a percepção de si mesmas no mundo, um processo que envolve a aceitação da sua realidade e do que tiverem que se submeter para sobreviver e ter uma vida minimamente saudável e segura. De acordo com Pacheco:

Sendo assim, a experiência emocional informaria sobre a estrutura social, as relações de poder, as noções de corpo e outras formas culturais. [...] Assim, os significados das emoções dependem do lugar a qual foram produzidos, como de sua expressão material, física e corpórea. A emoção é um código cultural que é negociado por meio das relações sociais, intenções e ações produzidas entre os indivíduos em contextos específicos. (ROSALDO 1984 apud PACHECO, 2013 p. 43 - 44)

A solidão da mulher preta, não é apenas sobre não ter parceiros fixos, embora essa seja uma representação recorrente da solidão. Parece ser mais fácil relacionar a solidão de uma mulher unicamente pelo quesito dela estar solteira, pois socialmente temos a concepção de que a felicidade de uma mulher está atrelada a ter um relacionamento fixo e estável, com a perspectiva de casamento, especialmente se considerarmos relacionamentos cis-hetero normativos. Mas há mais nisso, está no entendimento de que a preferência afetiva dos relacionamentos, também passa por um filtro social; no desconhecimento do que os anos de desconfianças, causados pelo racismo e sexismo, afetou e afeta a capacidade dessas mulheres de confiar em alguém, no contentamento involuntário de que a realidade em que elas vivem, é o que a humanidade tem para lhes oferecer.

A mulher preta aprendeu, forçadamente, a ser sozinha, seja cuidando dos filhos ou trabalhando para sustentar sua família ou tendo dificuldades em ter relacionamentos duradouros ou cuidar dos outros e não de si. Ela foi ensinada a cuidar e a servir, mas nunca a ser cuidada. A experiência emocional, está entrelaçada com questões de gênero, raça, posição social e outras formas de poder; e essas noções vão nos mostrar diversas dimensões da nossa estrutura social, que marcam e são estruturantes nessa experiência, que nesse caso é a solidão da mulher preta. (PACHECO, 2013)

Entender e falar de solidão é algo complexo. Quando estamos falando de sentimentos de individuais reais, se faz necessário levar em consideração que eles são repletos de histórias; de mecanismos de proteção que desenvolveram, para barrar as violências diárias; de anos de preterimentos, que minaram, inclusive, a sua capacidade de se verem em uma posição de vulnerabilidade, entre muitas outras coisas. Além disso, ter em mente que podem ter diferentes concepções do que é solidão.

No entanto, mulheres pretas compartilham vivências que só elas podem entender, talvez a forma como expressam e vocalizam a sua experiência, seja diferente, mas a realidade em que vivemos criou um padrão na forma como a sua existência é percebida e tratada na sociedade. Seus corpos carregam centenas de anos de solidões, que intencionalmente ou não elas transparecem isso na sua fala, na solidariedade racial, na Dororidade, se ver em outra mulher preta e entender sem ao menos conhecê-la o que ela está passando; isso, só uma mulher preta sabe.

2.1. Dororidade

Dororidade é um conceito criado por Vilma Piedade, a partir do entendimento de que a ideia de sororidade criada pelo feminismo clássico, não contemplava por completo a experiência de vida de uma mulher preta, que foi historicamente marcada pelo racismo e sexismo na sociedade brasileira. O conceito foi criado por compreender que a trajetória dessa mulher é diferenciada. Vilma Piedade então declara:

Quando eu argumentei que Dororidade carrega, no seu significado, a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo que vem da criação Branca para manutenção de poder... E o

Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra Dororidade. (PIEDADE, 2017, p.46)

A Dororidade é marcada pelo vazio, pelo silenciamento, pela ausência, pelo não-pertencimento e pela dor, que não se mede, só se sente. O que é a história do nosso povo preto, senão de dor? Da negação da nossa herança africana, do genocídio do nosso povo, da violência com nossos corpos criando uma noção de que se aguentamos, é porque somos inumanamente mais fortes. (PIEDADE, 2017)

No seu livro “Dororidade”, que me oferece a base para essa reflexão, a autora destaca aspectos fundamentais da desigualdade entre brancos e pretos, ou seja, o racismo, a branquitude, a opressão e os privilégios. Ela também apresenta diversas ideologias clássicas sexistas, como na história Pandora da mitologia grega, que tinha uma caixa com todos os males do mundo ou quando Platão afirmava “que a mulher era a reencarnação de um homem que cometeu muitos erros no passado e então voltou mulher” (PIEDADE, 2017, p. 29), entre outras. Baseando-se nessas ideologias como uma forma de comprovar que a mulher e suas representações, historicamente foram vistas como inferiores, erradas e seus corpos pertencentes a outro que não ela.

Agora, se falarmos da nossa herança ancestral, da tradição, os corpos são considerados livres, a mulher preta é central, é nuclear, é matriarca, é reverenciada, dela é onde tudo nasce e tudo se cria. (PIEDADE, 2017) Aqui faço um parêntese, pois acho importante pontuar que a lógica da centralidade dessa mulher preta, não foi vista da mesma forma em todos os espaços. O racismo estrutural está em todos os lugares e estrutura a forma como as coisas são vistas e essa noção não escapa disso.

Neste ponto busco inspiração em bell hooks para explicar melhor essa lógica. hooks realiza uma análise do que seria essa mulher preta matriarca e explica que grande parte dos estereótipos e da construção do pensamento anti-mulher-preta, se iniciaram no processo de escravidão. Nesse período, foi criado, pelos donos dos escravizados, um conjunto de mitos sobre a mulher preta, que tinha como propósito desacreditá-las, inferiorizá-las e criar justificativas do porque elas eram capazes de realizar as mesmas tarefas que os homens pretos escravizados faziam. Um desses mitos mais marcantes, foi vê-las como criaturas sob-humanas e masculinizadas e por esse motivo, elas aguentavam os “trabalhos de homem” e suportavam mais a

dor, mas ao mesmo tempo, tinham a capacidade de continuar com os “trabalhos femininos”; essa versatilidade das mulheres pretas, ameaçava a lógica sexista do patriarcado, de tratar a mulher como inferior e incapaz. (HOOKS, 1981)

Para Piedade, o racismo é Dororidade, porque é ele que nos dilacera. No Brasil, é fácil justificar isso, é só olhar para a nossa realidade social e as coisas que tem cor, raça e gênero: a faxina, a morte das mulheres, a violência, etc. “Afinal, a carne negra ainda continua sendo a mais barata do mercado!”. (PIEADADE,2017,p. 30)

A realidade social da mulher preta e suas limitações nas oportunidades de mobilidade social vem sendo questionadas e debatidas, em uma incessante tentativa de entender os porquês. Luciana de Mello é uma dessas autoras que questiona essa realidade, principalmente no mercado de trabalho e na produção de justiça social. Como, por exemplo, em seu trabalho sobre a inserção da mulher preta no mercado de trabalho, onde ela explora as influências do sexismo e racismo neste ambiente e de que forma isso influenciou para tornar as opções no mercado de trabalho, extremamente limitadas. (MELLO, 2016)

Além disso Mello reflete sobre a interseccionalidade do racismo e de que forma ele afeta a opressão das mulheres pretas; e qual foi o papel do feminismo negro nessa discussão. A autora reflete que o movimento denunciou uma imagem fixa que se estabeleceu da mulher preta e a falta de representatividade que encontraram no movimento feminista clássico. Atentando ainda para a questão de que a sociedade brasileira é multirracial, a partir disso, há uma necessidade de compreensão das diferentes realidades e de que forma os marcadores sociais, como o racismo e sexismo, influenciam nessas realidades. (MELLO,2021) Como referido anteriormente, a realidade da mulher preta é peculiar e esses marcadores retratados pela autora, são mais um exemplo disso.

3. “SEGURAR NO OSSO DO PEITO”

Neste Capítulo trago histórias das cinco mulheres a partir das escrituras em torno de quatro tópicos principais que destaquei em suas narrativas: (1) *“A nossa presença é diferente nos espaços”*, (2) *“Eu só tenho uma opção, que é ser forte”*, (3) *“Lutar diariamente contra o que dizem pra gente “que a gente não vai, não pode”, não véi, a gente vai e vai chegar com os dois pés na porta!”*, (4) *“Se eu te falar tudo que eu já passei, com relação a racismo, guria daria um livro!”*.

A partir desses tópicos, escolhi alguns recortes das minhas entrevistas para contribuir com a discussão aqui presente. Poderia colocar outros recortes das entrevistas e muitos outros relatos poderiam ser acrescentados, mas escolhi por estes, não só por serem pontuais e marcantes, mas também por contemplarem, em grande parte ou completamente, as outras mulheres pretas que compõem esse trabalho.

Estes tópicos surgiram durante as entrevistas e ajudam a entender e ampliar o que entendo por solidão da mulher preta e ainda mostra, como referido no capítulo anterior, que está amplamente ligado e marcado pelo conceito de Doridade. Antes de compartilhar essas escrituras, vou apresentar brevemente as minhas colaboradoras em termos de idade, profissão, número de filhos, no caso de tê-los, e auto-declaração racial. Optei por chama-las por nomes³ fictícios.

Antonieta tem 35 anos e mora em Porto Alegre, é professora de Sociologia na região metropolitana e faz doutorado em antropologia, é mãe de um menino de 5 anos e se autodeclara preta.

Ciata tem 43 anos e mora em Porto Alegre, é professora de história e tem pós-graduação em pesquisa e educação em história, ela se autodeclara uma mulher negra afrocentrada e atualmente está estudando filosofia africana.

Tereza tem 32 anos, mora atualmente em Florianópolis, é pesquisadora e autônoma na área da alimentação, onde presta consultoria; é estudante de ciências sociais e se autodeclara preta/negra.

³ Para mim não faria sentido escolher nomes aleatórios para essas mulheres que significaram tanto para este trabalho; portanto, decidi nomeá-las também em homenagem a mulheres pretas que marcaram a história do Brasil. Escolhi seus nomes, não pela semelhança de suas histórias, mas por uma interpretação minha, pois de alguma forma elas me lembraram as minhas colaboradoras e para mim, no momento, fez sentido. (ÉL PAÍS, 2020)

Ruth tem 43 anos, mora em Porto Alegre, é técnica em enfermagem e mãe de dois meninos, se autodeclara negra.

Laudelina tem 31 anos, é antropóloga em formação e cientista social, mora em Porto Alegre e se autodeclara uma mulher preta cisgênera.

3.1. “A nossa presença é diferente nos espaços”

Esta seção discute sobre a racialização dos espaços como uma das formas de solidão que marcam os corpos das mulheres pretas. Como mencionado no capítulo anterior, com base nas pensadoras Pacheco (2013) e López (2015), corpos pretos, especialmente de mulheres, são vistos e tratados de formas diferentes, sendo aceitos apenas em determinados espaços e são marcados por uma situação de rejeição que é histórica.

Antonieta, por exemplo, vê sua presença como positiva e significativa para suas alunas pretas, assim como um super-herói preto para seu filho, que consegue se enxergar naquele personagem. Essa representatividade, seja em uma sala de aula ou em um desenho animado ou em qualquer espaço nos quais a sociedade não está acostumada a nos ver ocupando, rompe com um ciclo de exclusão racial dos nossos corpos em espaços que antes eram vistos exclusivamente como brancos. Sobre isso ela comenta:

Tu tá muito acostumado a ver a mulher preta nessa imagem do trabalho doméstico, na cozinha,, na babá, neste tipo de registro e aí quando tu vê a mulher preta do lado, com uma questão de empoderamento, de conhecimento, de ciência... mesmo que tu não fale nada, é diferente. A nossa presença é diferente nos espaços (Antonieta)

A presença nos espaços, também é foco de atenção de Laudelina, que lembra que sua mãe se preocupava muito com ela, por achar ela muito boazinha e dizia que: “a gente precisa estar sempre com todos os olhos, atentíssimos, porque a rasteira tá pronta pra nós, alguma coisa assim, então ela se preocupava comigo por achar que eu não saberia dar as gambetas da vida”. Além disso, Laudelina recorda uma outra dimensão do espaço, relacionada com a falta de tempo, portanto, um espaço-tempo que se refere a uma falta de lugar que as mulheres pretas têm para ser frágil, sofrer, sentir, adoecer, conviver e ter dor. Tudo isso, fez com que ela, em suas palavras, criasse uma “carcaça” e segurasse tudo “no osso do peito”.

Tereza acha importante “revisitar os espaços que foram negados pra gente (pessoas pretas)”, esses espaços que Tereza diz, são de estar em um lugar de receber um carinho, um elogio, de ter um autocuidado, de ter uma relação afetiva/sexual com alguém que saiba o que é se relacionar com uma mulher preta. Para Tereza, mesmo vindo de uma família grande e sua infância ter sido marcada pelas grandes reuniões familiares na casa de sua avó, percebe que na sua família não tinha espaço para trocas e para conversas, assim o estar sozinha se faz perceber dentro da própria família.

Já para Ciata não há espaço possível para se existir como pessoa preta, assim como outros grupos minorizados em suas palavras:

O sistema quando mais ele puder te afundar, ele vai fazer, quanto mais pessoas com pobreza de espírito, pobres de consciência de classe, melhor é; e se as pessoas forem pretas, gays, de matriz indígena, pó morrer, mata e taca fogo na carcaça pra não ocupar espaço... essa é a ideia do sistema.
(Ciata)

Para ela, há uma organização de sociedade que nega inclusive o direito da nossa vida, Ciata vê a existência de corpos pretos e a sua resistência como uma forma de sobrevivência.

3.2. “Eu só tenho uma opção, que é ser forte”

Aqui, através das experiências compartilhadas comigo das minhas entrevistadas, retomo o conceito da Dororidade e a noção que parte de um senso comum de que mulheres pretas são mais fortes, como referido no capítulo 1. Então, apresento o que essa ideia de força significou em suas trajetórias, seja na forma como ela mesma se apresenta para o mundo ou como a sociedade, na sua lógica racista a forçou a ser.

Para Antonieta essa noção é nociva para as mulheres da sua família, na forma com que elas reproduziram ao longo de sua vida essa lógica, e como isso foi esgotando-as, sem conseguirem enxergar que admitir que está chateada, cansada e esgotada, não refletem uma fraqueza. Ainda acrescenta, que na sua área de estudo, a violência obstétrica, a mulher preta lidera os índices e não é algo surpreendente, já que antigamente nossos corpos eram utilizados de cobaia, em procedimentos e testes sem anestesia. Em suas palavras:

Essa ideia de força também tá relacionada com o cuidado que a gente não pode ter por muito tempo, as mulheres pretas não eram cuidadas, não eram nem pessoas, eram mercadoria. Essa ideia de dor tem relação com um tipo de cuidado que foi negado pra gente, mas que não é verdadeira, não que não podemos ser fortes, mas isso não é uma justificativa. (Antonieta)

Já para Ciata a mulher preta, na sua grande maioria, é explorada, desvalorizada e sobrecarregada. Pensa que quando tratam o nosso corpo como sendo mais forte, que somos guerreiras, que tudo pode ser feito com ele; conseqüentemente nos negam termos sentimentos, fraquezas e defesas. Em suas palavras, “eu não posso ter medo, eu posso sentir o medo, mas ele não pode ficar comigo por muito tempo, porque nós somos condicionados a ser forte o tempo todo porque se a gente não resiste, não lutar por nós mesmos a opressão nos engole, nos extermina”. Quando nós estamos em um contexto de dor, as nossas experiências de vida são marcadas por quanto o nosso corpo aguentou e aguenta. Contudo, para Ciata:

Mas não é pra chorar, é pra se levantar, só levanta quem cai e o sistema tenta nos derrubar todos os dias, quando falo sistema é o sistema do patriarcado, de gênero, nós mulheres recebemos menos, a nossa capacidade de trabalho é posta em dúvida. Tudo isso, acredito eu, influência na solidão da mulher preta, as vezes é mais fácil se fechar na sua concha e ser uma mulher preta do que ser afrontosa, ser afrontosa dói, tá respondendo toda hora, cansa; e somos condicionadas a engolir né, aceita que é assim... (Ciata)

Já para Ruth , ela acredita que as mulheres pretas são historicamente fortes, por ser uma herança da escravidão; forte no sentido de precisar muita coisa, seja fisicamente ou psicologicamente. Em sua experiência, as provações que teve que passar, os racismos que sofreu, simbólicos e verbais, o quanto sempre se considerou fisicamente mais forte também, tudo isso, para ela, fazem parte de ser mulher preta.

Laudelina, por sua vez, lembra dos ensinamentos de sua mãe e de como essa “carça” que ela lhe ensinou a ter, para a sua própria defesa, conseqüentemente criou uma relação delicada com o conversar sobre assuntos como carinho e cuidado, pois sentia que isso doía não só nela, mas também em sua mãe. Para Laudelina a força que aprendeu a ter, trouxe um cansaço que parece ser contínuo, um peso que não sabe se quer mais carregar, um orgulho de si mas que

vem junto com uma vontade de não ser mais forte; mas, sabe também que a nossa sociedade, ainda nos faz ter que ocupar esse lugar.

Para Tereza, em seu entendimento, a força das mulheres pretas está relacionada a uma imposição do que esperam que a gente seja, de um lugar que nos foi forçado a ocupar sem questionamentos. Em suas palavras:

Esse lance de “ ah aguento mais”... não, não aguenta gente! e o povo faz a gente acreditar nisso, seja a mídia, seja sei lá... de fato a gente acaba acreditando nisso, que a gente é foda, que a gente... Não, a gente não é foda, a gente sofre pra caramba, é doido; e é nisso que a gente cai “ah forte e foda”, mas daí quando a gente precisa, dá um BO, uma ruim, quem tá contigo de fato?! Forçam a gente a ser né?! A gente não é essa pessoa, nós não queremos também que nos botem nesse lugar. Como que a gente vai ser forte se a cada 23 minutos um dos nossos morre? (Tereza)

3.3. “Lutar diariamente contra o que dizem pra gente “que a gente não vai.não pode”, não véi, a gente vai e vai chegar com os dois pés na porta!”

Como diz aquele ditado? “O *não* eu já tenho”; para a população preta essa é sua realidade, estão em lugares que não nos querem, forçar a nossa entrada em espaços majoritariamente brancos, entender que as cotas são um direito nosso e é nosso papel ocupá-las. Lélia Gonzales (1984) , diz que a sociedade está acostumada a ver a mulher preta ocupando três lugares, (1) o da mulata do carnaval, que passa por um processo de erotização e ganha visibilidade nacional e internacionalmente. (2) O da preta do cotidiano, a doméstica, essa é invisível e carrega não só a sua família nas costas, como também a de seus “patrões”; e (3) o da queridinha dos brancos, aquela que foi aceita, ela é a mãe preta, que exerce a função materna mesmo quando não foi ela que pariu, essa é a bá.

Tereza considera que ser mulher preta nesse país, é romper com um legado racista e machista em que ganhar o *sim* é uma luta constante. Para ela, é algo desafiador, cansativo, mas é assim que conseguimos, pouco a pouco, botar pessoas pretas nos lugares que antes eram inalcançáveis. E por que isso? em suas palavras:

Você vai ter que entender o porque é importante a gente escurecer as nossas referências, pq é importante ter um dos Anjos, uma Fernanda Bairos, é cada vez mais a gente se propor a fazer o que você está fazendo no seu tcc. “Nada é nós sem nós”, a gente é o centro de tudo, somos mulheres pretas cheias de histórias, de saberes, de coisas que insistem em nos matar aos pouquinhos (Tereza)

Antonieta traz a questão da autoestima e de como influenciou até em se sentir ou não segura de si para abordar certos temas em alguns lugares. Ela também fala de suas diversas entrevistas de emprego e como, a partir delas, percebeu que nunca soube e nunca vai saber, se os *nãos* que ganhou eram por causa do seu currículo ou por ser preta. Ela também reconhece que naturalizamos essa rejeição e sair desse ciclo não é fácil e requer um exercício, como por exemplo, se candidatar a vagas de emprego que antigamente pensava que não estavam na sua alçada. Em suas palavras, “hoje eu tenho plena consciência de que o problema tá muito mais nessa organização estrutural racial super violenta que faz a gente achar que a gente nem pode concorrer a aquela oportunidade”.

3.4. “Se eu te falar tudo que eu já passei, com relação a racismo, guria daria um livro!”

Nesta última seção, trago algumas das experiências e a opinião das entrevistadas sobre os racismos que sofreram. O racismo estrutural é muito bem articulado e está em todos os espaços e tomadas de decisões, sendo isso consciente ou não. Sueli Carneiro (2011), entende que as heranças da escravidão não podem ser consideradas águas passadas e superadas. As suas reminiscências permanecem no imaginário social e ganham novas formas, que mantém as hierarquias de raça e gênero intactas até hoje. Além disso, acrescenta ela, a experiência histórica da mulher preta difere da opressão clássica da mulher e os efeitos dessa opressão perduram até hoje na construção de identidade das mulheres pretas.

Para Antonieta as nossas trajetórias são marcadas por um racismo estrutural que nos deixa longe de tudo e nos coloca em um lugar em que sempre estaremos em “desvantagem”, seja em relação a ocupar um lugar de poder, ou a ter acesso a educação, ou a ganhar um salário bom, ou a ter direito a uma relação de amor, afeto e carinho, etc. Ela também considera que o amor é racializado, o nosso “filtro” vem antes, ou seja, se vivemos em uma estrutura social onde se tem uma naturalização do racismo, há uma escala de preferências das possibilidades de relacionamento e por causa dessa lógica racista, tem pessoas que nem entram nela, e a mulher preta é uma delas. Em suas palavras:

Hoje quando eu penso em toda a minha trajetória e em todas as vezes que as minhas colegas iam lá ficar com alguém e eu ia lá ficar segurando vela, eu penso que tem muito menos a ver comigo. Hoje eu entendo isso, hoje com 35 anos eu entendo que tem muito menos a ver comigo e que tem muito mais a ver com toda uma pré-disposição e uma estruturação racial que não me favorecia em nada, em nenhum aspecto, nem na escola, nem no mercado de trabalho. (Antonieta)

Para Ruth o racismo está em todos os lugares e toda hora. Pode ser quando te seguem ao entrar em uma loja ou quando sua professora da escola dava nota baixa para ela mesmo quando, ao comparar sua prova com a dos colegas, suas respostas estavam certas, quando teve que ir para a delegacia porque, ao andar na rua com seu filho, que é branco de olho azul, a acusaram de ter sequestrado ele; ou quando foi repelida pela família de seu ex-marido, quando estavam juntos, etc. Tendo passado por tudo isso, diz que esse tipo de coisa a gente supera mas não esquece, contudo, a sua postura diante disso, é não se calar porque senão, as pessoas falam e tratam a gente como quiserem.

Para Tereza o ato de questionar esse sistema racista e entender que esse é um direito nosso, é um processo e no momento em que iniciamos isso, somos chamadas de “neguinha metida”. No seu trabalho, percebeu um racismo estrutural e institucional que marcaram muito ela, seja na diferença de tratamento e salário, ou em achar que pode trabalhar de graça e em qualquer dia. Como ela mesma descreve: “Nesse lugar que acham que a gente dá conta de tudo, que a gente é foda, que a gente é guerreira” “ah que massa, então paga aí meus boletos, minha terapia, meu aluguel, minha comida”.

Já Ciata reflete que o corpo da mulher preta não é visto como um ser pensante, mas como mercadoria, um corpo exclusivamente físico que é usado para o trabalho e nada mais, não consideram e não dão a oportunidade desses corpos terem a capacidade de pensar, agir e transformar. Em suas palavras: “a mulher preta parece que nasceu pra sofrer, ou ela diz *sim* e concorda com tudo, ou ela sofre, quando ela é fora da curva e diz “não! o corpo é meu!, as pessoas querem rotular ela com palavras pejorativas”.

3.5. Afinal, mulher preta nasce pra quê?

Considerando que nenhuma vida das mulheres pretas entrevistadas é igual a outra, os recortes das histórias relatadas acima parecem convergir em muitos pontos. Obviamente nenhuma vida é igual a outra, mas o que as tornam similares? O espaço tem cor, a força é sobrevivência, a rejeição é a norma, ocupar o final da escala de preferências; ser mulher preta é isso? O Dossiê Mulheres Negras (GELEDÉS; CRIOLA, 2016) mencionado anteriormente, além dos já expostos aqui neste trabalho, tem alguns dados que acho pertinentes serem compartilhados. A violência estrutural⁴, pode se manifestar de diferentes maneiras, mas o seu objetivo é fazer a manutenção de todo tipo de desigualdade social. O Dossiê diz que:

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a violência tem diferentes naturezas: física, sexual, psicológica, maus tratos e negligência. Assim, é possível reconhecer a violência como um fenômeno complexo, que deve também ser compreendida em suas dimensões cultural, ideológica, política, que atingem pessoas e sociedades, enraizando-se em seus modos de organização e relação. Nesta perspectiva, verificamos a extensa participação de diferentes formas de violência na vida das mulheres negras, em grande parte mediadas pelas iniquidades originadas no racismo patriarcal heteronormativo⁵, ou seja, um racismo fortemente marcado pelo sexismo e pelas fobias LGBT, no Brasil. (GELEDÉS; CRIOLA, 2016, p. 13)

Não nascemos para sofrer, para estar a serviço, para sermos diminuídas e sub-representadas; mas o sistema em que estamos inseridas, faz questão de se esforçar ao máximo para que isso continue sendo a nossa realidade. Mulher preta está sempre remando contra a maré. “Se as mulheres negras fossem um país, seriam pouco maior que a população da Colômbia e 27 vezes maior que a Jamaica” (GELEDÉS; CRIOLA, 2016, p.12), contudo, a nossa presença em posições de poder em organizações públicas e privadas é enormemente desproporcional a imensidão desse enorme grupo chamado mulheres pretas.

Talvez nem sempre com essas exatas palavras, mas o que foi partilhado comigo, foi o acúmulo do “cansaço no peito” de ser mulher preta em uma sociedade racista e sexista, foram as Dororidades expressadas em suas trajetórias, as diversas formas de solidão causadas por uma histórica opressão; além disso, são

⁴Ocorrem em diferentes formas onde há manutenção das desigualdades sociais, econômicas, culturais, de gênero, etárias, raciais, étnicas.

⁵ É um modo de definir o racismo atuante no Brasil e seus modos de atuação diferenciada a partir do sexismo e das fobias LGBT. O conceito permite chamar atenção para os diferentes processos que atuam na produção da subordinação de indivíduos e grupos, jogando luz ao fenômeno denominado de interseccionalidade. Sob o racismo patriarcal heteronormativo, processos de subordinação, violência e inferiorização das pessoas negras adquire ferramentas que atingem de forma específica todas as que se situam em posições femininas dentro do espectro das identidades de gênero. (GELEDÉS; CRIOLA, 2016, p.11)

escrevivências que talvez só possam ser compreendidas em um todo, pelas suas iguais. Dados apresentados no Dossiê Mulheres Negras (2016) dizem que:

53.6% das famílias chefiadas por mulheres no país são lideradas por mulheres negras (IPEA, 2013). Dessas, 63.4% das mulheres negras estão ocupadas no trabalho doméstico (IPEA, 2012), recebendo 86% dos rendimentos das mulheres brancas com a mesma ocupação. (GELEDÉS; CRIOLA, 2016, p.11)

Portanto, chefiamos nossas famílias, lideramos os índices de violência, o nosso corpo é visto como forte e por isso tudo pode ser feito com ele, temos que estar e ocupar espaços que nos rejeitam e temos que conviver com um filtro social que sempre nos deixa em “desvantagem”. A racialização dos espaços e o inconsciente racista tenta nos impor suas regras, mas hoje e cada vez mais, os ciclos iniciados no processo de escravidão, estão sendo rompidos, muito pela postura que a mulher preta sempre teve, de ser forte, não foi algo que desejávamos, mas pelo menos, triunfamos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1. “Magia, acho que ser mulher preta é uma coisa mágica”

Escolhi o título dessa parte final do meu TCC, com uma das frases que mais me marcaram nas entrevistas, seguindo o modelo do capítulo anterior no qual usei subtítulos que eram falas literais das entrevistadas. Escolhi essa frase em específico para dar o fechamento, porque, apesar de tudo que nossos corpos foram submetidos, nós somos maioria da população e pouco a pouco estamos recuperando tudo aquilo que nos foi negado. Portanto, realmente faz sentido pensar dessa forma, a mulher preta foi capaz de ressurgir de um passado que negou a sua própria existência; ela se faz presente nos lugares, mesmo quando não a querem, ela resiste e luta. Não se pode dizer que todas nós conseguimos superar por completo esse passado, mas muitas de nós sim; e a sua representatividade, significa tanto quanto a Antonieta representa para suas alunas.

Refletindo um pouco mais sobre as narrativas das mulheres colaboradoras deste trabalho, uma das questões que me surpreenderam positivamente e negativamente, foi a similaridade dos meus levantamentos prévios às entrevistas, que descrevi aqui, e as questões levantadas pelas minhas entrevistadas. Positivamente porque, demonstram que os meus questionamentos fazem sentido para mais pessoas do que somente para mim mesma. Negativamente, porque muitas das experiências que narro e que são narradas por elas, foram marcadas por muita luta, sexismo, racismo, dores e negligências, o que obviamente não são motivos para serem comemorados.

Para dar fechamento a este trabalho, retomo aqui os questionamentos que fiz no começo e defendo que a solidão da mulher preta em sua peculiaridade é também Dorridade. Como mencionado anteriormente, o conceito Dorridade foi criado a partir do entendimento de que a trajetória de uma mulher preta é diferenciada e, com base em todos os dados, estudos e escrituragens que consegui aglutinar neste trabalho, me arrisco a tomar isso como verdade.

Piedade diz que “A Dor cunhada pela escravidão. A escravidão deixou marcas profundas, marcas que ainda vivenciamos. E séculos depois da “Abolição” sentimos”. (PIEDADE,2017,p.18) Então, de acordo com o que vimos anteriormente,

o racismo e sexismo deixam até hoje marcas nos corpos das mulheres pretas, as violências que sofrem, sejam elas visíveis ou não, marcam a sua existência da forma mais singela. Pode ser em uma festa onde não são almeçadas, a sexualização de seus corpos, a sua postura de embate, a dificuldade de se mostrar vulnerável, o sentir-se só em todos os espaços, o não querer ou achar que não precisa de ajuda de ninguém, a falta de autocuidado, a melancolia, etc. Como expresseo por bell hooks:

A instituição da escravatura forçou as mulheres negras a desistirem de qualquer dependência prévia da figura masculina e obrigou-as a lutar pela sua sobrevivência individual. A igualdade social que caracterizou os modelos de papéis sociais na esfera do trabalho debaixo da escravatura não criou uma situação que permitisse às mulheres negras serem passivas. (HOOKS, 1981 p. 59)

Nas entrevistas, algo foi referido por todas elas, que eu não estava esperando - mas que entendi no momento em que foi dito - que foi o fato de se sentirem à vontade para falar comigo; de falar mais do que falariam em uma entrevista normal, de falar o que quisessem porque sabiam que eu compreenderia da onde estavam partindo. Isso é Dororidade. A mulher preta se reconhece na dor, a dor, como escreve Piedade, “é de quem sente. Há dor. Dor dói e ponto. ” (PIEIDADE,2017, p.18) Dor não é algo a ser exaltado, mas é algo que nos deu um sentido de companheirismo, de irmandade e o de saber que mesmo se nos sentirmos sós, não estamos realmente.

Esse lugar em que nos colocaram, de ser central, de ser chefe de família, não seria nocivo, se não estivesse atrelado a uma expectativa de cumprirmos um papel que nunca foi nossa escolha, que é ser provedora, dar conta de tudo, deixar os nossos corpos a mercê, a ter uma força que nos é prejudicial. A noção de que mulheres pretas são mais fortes, como pudemos perceber nas narrativas e nas colocações de hooks mencionadas previamente, não é só um senso comum, mas também o que esperam que nós sejamos. Contudo, o ponto não é que não somos ou não podemos ser, mas que o ambiente que vivemos e a nossa história, nos forçou a ser, não foi uma opção. Alguém nos perguntou se queríamos isso? Citando aqui a minha colaboradora Tereza, “forçam a gente a ser né, a gente não é essa pessoa, nós não queremos também que nos botem nesse lugar. Como que a gente vai ser forte se a cada 23 minutos um dos nossos morre? ”.

O racismo estrutural nos pressiona a nos conformarmos com uma realidade, a naturalizar a nossa dor e tudo aquilo que nos faz mal. Não fomos incentivadas a amar, a esperar o carinho, a ajuda, a exercer o poder, a criticar tudo apenas porque é nosso direito. Demoramos muito mais do que devíamos para aprender que somos merecedoras de tudo isso e mais, de nos permitirmos ser vulneráveis e que não precisamos ser fortes o tempo todo.

Os ensinamentos que nos foram passados pelas nossas figuras femininas nas nossas famílias, foi principalmente de força, pois elas sabiam que a sociedade não é carinhosa com gente como a gente, mulher preta não recebe colo, se recebe ajuda é em geral de outras mulheres, mulher preta não tem tempo.

“Eu tenho cansaço no peito, de me manter firme”, me disse Laudelina, referindo ao fato de que ser forte o tempo todo cansa; estar alerta o tempo todo, desgasta. Essas noções estão tão intrínsecas em nós, que mesmo quando nós não estamos sozinhas, nós nos sentimos sós, é um exercício constante sair desse ciclo, da lógica racista que o colonizador fixou em nós.

Michele Rosaldo em seu estudo sobre sentimentos, diz que o nosso pensamento é sempre culturalmente padronizado e cheio de sentimentos que vão refletir ao nosso passado, e por isso, conseqüentemente, não podemos dissociar nem o pensamento da vida afetiva, como também o afeto, que é culturalmente ordenado, não existe isolado do pensamento.(ROSALDO, 2019) Então, o nosso pensamento e a forma como vemos o mundo e a nós mesmos, é um espelho do que a nossa cultura reproduz, ou seja, dos padrões de beleza, da escala de preferência afetiva, do racismo estrutural, do sexismo, da violência para com os corpos pretos, etc.

Se considerarmos que os nossos sentimentos são moldados por uma cultura que nos exclui e mata, não é nada estranho que ela também criou representações simbólicas que supostamente nos dariam prestígio, mas que na verdade são utilizadas para o controle dos nossos corpos. E em uma estratégia muito bem feita, fazer com que a gente reproduza, almeje e vanglorie uma cultura que nos humilha, que nos mata. Segundo Rosaldo,

A sociedade - argumentei - molda o self através de termos culturais que, por sua vez, moldam a compreensão de atores reflexivos. Segue-se que, na medida em que a nossa psicologia está apegada aos termos de nossa cultura nos seus relatos de pessoas em outras partes do mundo, é

improvável que aprecie seus atos. Tentativas anteriores de mostrar a especificidade cultural de coisas como personalidade e vida efetiva sofreram fracasso em compreender que a cultura, muito mais do que um mero catálogo de rituais e crenças, é, em vez disso, o material sobre o qual nossas subjetividades são criadas. (ROSALDO, 2019)

Portanto, não temos como separar essa mulher da cultura em que ela está inserida e de fato, quem entende o que uma mulher preta precisa passar na sua vida? Quem entende a sua dor? Não só isso, mas quem está disposto a entender e ouvir suas trajetórias, a sua solidão, de dar espaço para a sua vulnerabilidade...Como eu referi anteriormente: não ganhamos colo, a gente compartilha a dor, tem solidões que se encontram, trajetórias que se assemelham, o que não necessariamente é algo positivo, porque, é o racismo que nos marca como iguais.

Um trabalho de conclusão de curso é muito breve para contemplar a imensidão que cabe nas vidas das mulheres pretas e com certeza meus questionamentos iniciais não foram respondidos por completo. Mas considero esse trabalho um momento inicial de reflexão composto por narrativas de mulheres que entrevistei que foram complementadas pelas escrituras que compartilhei aqui.

Uma última reflexão que faço, é sobre a relação da solidão da mulher preta com a Dororidade. O primeiro conceito, como podemos ver neste trabalho, tem como um de seus principais “gatilhos” o sentimento de sentir-se só independentemente da situação ou lugar em que está; o segundo, propõe uma irmandade, que seria composta por mulheres pretas que se reconhecem, principalmente, na dor.

Talvez quando olhamos os dois conceitos juntos, possa dar a entender que são um pouco contraditórios. Contudo, a partir da minha reflexão com base em tudo que foi visto neste trabalho, percebo a Dororidade como um movimento, um desejo do que mulheres pretas podem representar uma a outra. Se isso é o que ocorre? Talvez não em sua maioria, mas grupos de mulheres pretas como o Atinuké⁶, já iniciaram esse movimento de autocuidado, compaixão, apoio e irmandade. Além disso, também é possível levarmos em consideração que a própria dificuldade dessas mulheres de entenderem que estão ou que não precisam mais estar

⁶ Na minha entrevista com Laudelina, descobri que a mesma faz parte do grupo e com base no seu conhecimento de integrante, me informou que o próprio significado do nome do grupo é: aquela que merece carinho.

sozinhas, reflete o quão bem-sucedido o racismo e o sexismo foram em subjugar seus corpos e mentes.

Mulheres pretas são múltiplas e complexas e por isso é difícil contemplar todas elas em apenas um breve TCC. Entretanto, a solidão e a Dororidade que registrei aqui, já são um começo, pois precisamos escurecer nossas referências, levar assuntos que nos tocam, para dentro dos espaços que nos rejeitam, mostrar que nossa experiência de vida como mulher preta, é diferenciada.

Meu propósito aqui, não foi solucionar esse déficit cultural que é manifestado na figura da mulher preta, mas sim expor ele. As mulheres pretas necessitam de mais espaços que a sua solidão seja vista, ouvida e compreendida, não só nos coletivos ou movimentos pretos, mas em todos os lugares, porque a solidão, o racismo, a Dororidade, se manifesta em qualquer lugar.

Em trabalhos futuros pretendo escutar muito mais histórias, tentar compreender ainda mais a subjetividade que é lidar com as emoções e com tendências culturais que vem antes de nós. Um caminho que pode ser seguido é através do referencial da sócio-antropologia das emoções e/ou da psicologia social que ajudem a desvendar essas dinâmicas político-emocionais e ajudar a criar estratégias para quebrar esse legado racista e sexista. A solidão da mulher preta e sua Dororidade, estão longe de serem resolvidas. Cabe a nós encher os espaços de questionamentos e trabalhos para sermos enxergadas. É nós por nós.

5. REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: A situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Geledés, Março/2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>.

CRIOLA - Organização de Mulheres Negras; GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra; WERNECK, Jurema(coord.); IRACI, Nilza (coord.). **Dossiê Mulheres Negras: A situação dos direitos humanos das mulheres negras no Brasil - violências e violações.** Criola, Geledés: 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos de Memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2018, 3ªed. ePUB

FLICK, U. **A entrevista etnográfica.** In: _____Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre,Bookman, 2004. p.89-108.

GIBBS, G. **Análise de biografias e narrativas.** In:____Análise de dados qualitativos. Porto Alegre,Artmed, 2009. p.79-96.

GONZALES, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura brasileira.** In: Revista Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, Bell. **“Mulheres Negras e o Feminismo”.** In: AIN'T I A WOMAN - Black Women and Feminism. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 2014 [1982].

LOPEZ, Laura Cecilia. **O corpo colonial e as políticas e poéticas da diáspora para compreender as mobilizações afro-latino-americanas.** In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, pp. 301-330, jan-jun 2015.

MELLO, Luciana G. de. **De dia é doméstica de noite é Mulata! A inserção e participação da mulher negra no mercado de trabalho.** In: Gênero e diversidade: debatendo identidades, São Paulo: Perse, 2016, p. 153-171.

MELLO, Luciana G. de. **O lugar da raça e do racismo no debate sobre interseccionalidade.** In: Coisas D'Generus: produções do Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, vol. 2, p. 114-135.

Mulheres negras que marcaram a história do Brasil, em 10 ilustrações. **ÉL PAÍS**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020/11/19/album/1605801135_840772.html#foto_gal_1> Acesso em: 16 de maio de 2022.

OLIVEIRA, Luiz Henrique de. **“Escrevivências” em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher Negra: afetividade e solidão** / Ana Cláudia Lemos Pacheco; [posfácio], Isabel Cristina Ferreira dos Reis. - Salvador: ÉDUFBA, 2013.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Em direção a uma antropologia do self e do sentimento**. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 18, nº 54, pp. 31-49, dezembro/2019.

6. APÊNDICE A - GUIA DA ENTREVISTA

1. IDENTIFICAÇÃO

NOME:

IDADE:

PROFISSÃO:

ONDE MORA:

AUTO-DECLARAÇÃO:

2. ENTREVISTA

- I. Me conte um pouco sobre você e sua história.
- II. Me fale um pouco de como é a sua dinâmica familiar.
- III. Quem você considera que é a/o chefe da sua família?
- IV. Ser mulher preta influenciou nos seus relacionamentos? E dentro da sua família? No trabalho?
- V. Você já ouviu alguém comentar que “mulheres pretas estão mais sozinhas”? (Se ela falar que sim, perguntar: O que você acha que isso significa? Conhece alguém nessa situação?)
- VI. E que “mulheres pretas são mais fortes”? (Se ela falar que sim, perguntar: O que você acha que isso significa? Conhece alguém nessa situação?)
- VII. Na sua opinião, o que significa ser uma mulher preta ?

3. FABULAÇÃO

- i. Nesta parte, irei pedir para que leiam a minha fabulação e deem sua opinião ao final, apontando o que mais lhe marcou.
- ii. Você conhece os temas Matricentralidade e Solidão da mulher preta? Se sim, me conte o seu conhecimento sobre o assunto.

